



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9772 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT09 - Trabalho e Educação

PISTRAK E SHULGIN E A CONSTRUÇÃO DA PEDAGOGIA SOCIALISTA SOVIÉTICA

Sandra Luciana Dalmagro - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Caroline Bahniuk - UnB - Universidade de Brasília

Agência e/ou Instituição Financiadora: não há

PISTRAK E SHULGIN E A CONSTRUÇÃO DA PEDAGOGIA SOCIALISTA SOVIÉTICA

Resumo:

O artigo apresenta a contribuição de Pistrak (1888 - 1937) e Shulgin (1894 - 1965) para a construção da Pedagogia Socialista, com destaque para o lugar do trabalho no processo formativo escolar. Eles foram dois educadores, intelectuais e militantes que participaram ativamente da construção da Escola Única do Trabalho nas duas primeiras décadas após a Revolução de Outubro de 1917 e contribuíram com a formulação de alguns conceitos basilares da Pedagogia Socialista soviética: auto-organização, atualidade, Escola Única do Trabalho, Trabalho Socialmente Necessário e Politecnismo. Analisamos as obras de Pistrak (2009, 2015 e 2018) e Shulgin (2013), buscando exprimir a gênese e o desenvolvimento do conceito de trabalho na relação com o processo escolar, do qual derivam outros dois conceitos: Trabalho Socialmente Necessário e Politecnismo. Evidenciamos a centralidade do trabalho na proposta dos autores, o qual é compreendido como o fundamento do ensino. Ao mesmo tempo destacamos as contradições desta concepção considerando a condição material da Rússia no período. Guardadas as enormes diferenças com o nosso tempo, as formulações de Pistrak e Shulgin contém enorme importância para pensar o processo educativo que se dirige à luta pela superação das pedagogias burguesas.

Palavras-chave: Pistrak; Shulgin; Escola Única do Trabalho; Pedagogia Socialista; Trabalho.

Introdução

Este texto resulta de pesquisa que investiga a contribuição de Pistrak[1] e Shulgin[2] para o campo escolar, colocando em destaque a questão do trabalho na concepção educacional dos autores. Questionamos: como o trabalho se colocou na escola? Quais suas relações com o conhecimento, a auto-organização e o meio?

No período posterior à Revolução de Outubro, em especial na década de 1920, se desenvolveram as primeiras experiências escolares na perspectiva socialista nas quais Pistrak e Shulgin atuaram diretamente. Ambos contribuíram na formulação de políticas educacionais junto ao Commissariado Nacional de Educação. Apesar disso, Pistrak e Shulgin são pouco conhecidos no debate educacional. No caso brasileiro, a tradução da primeira obra de Pistrak remonta à década de 1980, as demais só foram publicadas a partir de 2009. A tradução da única obra de Shulgin ocorreu em 2013.

A partir da análise das obras de Pistrak: “Escola Comuna” (2008), “Ensaio sobre a escola politécnica” (2015), “Fundamentos da Escola do Trabalho” (2018) e de Shulgin: “Rumo ao politecnismo” (2013), extraímos a concepção de trabalho no processo escolar, defendida pelos autores. No conjunto da obra de Pistrak são realçadas as seguintes elaborações: a relação entre escola e trabalho, os complexos, o papel do conhecimento escolar e a participação ativa dos estudantes na construção da escola. Estas são articulados às categorias centrais da pedagogia soviética: trabalho, auto-organização e atualidade. Shulgin compartilha com Pistrak várias ideias e conceitos. Shulgin se destaca pela formulação dos conceitos de Politecnismo e Trabalho Socialmente Necessário. Ele também se dedicou a pensar a relação entre o processo educativo e o meio como uma unidade orgânica.

O Commissariado Nacional da Educação (NarKomPros) foi o órgão responsável por organizar toda a vida cultural na Rússia, incluindo a educação, sendo presidido por Lunatcharsky entre 1917 e 1929. Pistrak e Shulgin eram ligados ao NarKomPros, na seção científica coordenada Krupskaya (FREITAS, 2009). Portanto, a atuação de Pistrak e Shulgin é articulada e coincide com o período em que atuam Lunatcharsky e Krupskaya, os primeiros anos da Revolução, e com eles e outros compõe o que se denomina “pioneiros da educação socialista”.

Escola Única do Trabalho foi a nomenclatura dada à proposta escolar soviética, a qual registra a concepção de escola nos primeiros anos da Revolução. Ela estava organizada em dois graus: o primeiro com cinco anos de duração e o segundo com quatro anos. O termo *única* reporta-se ao fato dela ser gratuita, acessível a todos e por pautar-se na eliminação dos privilégios de classe social na trajetória escolar. Ao mesmo tempo, indica a construção de um único sistema educacional, articulado desde a Educação Infantil até a Universidade. O *trabalho* é a categoria central que articula todo o processo educativo escolar (COMITÊ 2017; FREITAS, 2012).

O trabalho no processo educativo em Pistrak e Shulgin

Para Pistrak (2018) o trabalho não pode ser tomado como uma disciplina isolada, o mais relevante são as relações entre o trabalho e a realidade atual, ou seja, reconhecer o trabalho das crianças e adolescentes como parte do trabalho social. A questão do trabalho na escola está em relação com os objetivos gerais da escola e desta com os objetivos mais gerais da sociedade. Neste sentido, “a questão não está nem na própria ciência e nem no próprio trabalho (...) mas a sua ligação às finalidades mais gerais da vida” (PISTRAK, 2018, p. 154).

Pistrak (2018) define três níveis crescentes em complexidade do trabalho na escola. O primeiro deles é o autosserviço, voltado à formação de hábitos básicos de organização e higiene pessoais e coletivos. As oficinas se referem-se ao nível intermediário e nelas utilizam diferentes materiais: papel, tecido, madeira, metal, cuja exigência é variável. Permitem manipular o material, trazem à tona a dimensão do trabalho manual, da produção útil, mas também desenvolvem a imaginação, a criação e são pontes com a produção industrial. O trabalho no autosserviço e nas oficinas precisa considerar o estudo e as decisões dos

estudantes para tal, desde o planejamento, os materiais necessários, a organização e divisão do trabalho, até a comercialização e uso dos recursos financeiros oriundos destas atividades.

O terceiro nível do trabalho na escola se refere ao trabalho fabril, o qual envolvia o estudo da fábrica em toda sua amplitude e complexidade, desde a origem da matéria prima até o destino dos produtos, os aspectos geográficos, históricos, econômicos e culturais deste processo, o trabalho em toda sua cadeia, o lugar do produto na economia local ou nacional. Desta forma, a escola não se restringe ao estudo da fábrica em si mesma ou de suas técnicas de trabalho, ainda que estas sejam importantes, mas inclui o trabalho e o estudo do trabalho dos jovens, numa visão de totalidade. Nesta direção, são abundantes os exemplos e situações trazidos por Pistrak e Shulgin, como o esforço da URSS pela eletrificação e seu significado; as transformações na agricultura e o desafio de elevar o nível técnico e cultural no campo mediante a coletivização, entre outros.

A discussão do trabalho na escola ganha novos contornos com o conceito de Trabalho Socialmente Necessário (TSN). Shulgin (2013, p. 89) o define como “aquele tipo de trabalho que produz algum resultado que é plenamente real, inteiramente concreto, por um lado; por outro, é o tipo de trabalho que tem valor pedagógico”. Na escola, o TSN precisa estar em sintonia com a força e o desenvolvimento dos estudantes e em articulação com os objetivos de ensino e o conjunto das atividades escolares. O TSN precisa comportar alguma centralidade na vida real da população e ao mesmo tempo ter um potencial pedagógico. A escola precisa estar ligada à vida social ao seu redor e contribuir com as forças produtivas voltadas a construção de novas relações sociais.

No entanto, Pistrak e Shulgin não fazem apologia ao dispêndio da força humana de trabalho. Por repetidas vezes são entusiastas do desenvolvimento produtivo e cultural que possibilite ao ser humano emancipar-se do trabalho. Isto pode ser verificado, dentre outros, na seguinte passagem: “o ideal não é que todos façam autosserviço, mas que todos sejam libertados deles, que a máquina esteja em toda parte, a serviço do homem” (SHULGIN, 2013, p. 41). Este é um dos ideais da própria revolução socialista.

No que se refere ao Trabalho na perspectiva socialista, a politecnicidade é outro conceito destacado por Marx (2020). Os pioneiros da pedagogia soviética o desenvolvem e o denominam Politecnismo.

Para nós, a educação politécnica é um sistema inteiro de reeducação não apenas das crianças, mas de toda massa de pessoas. (...) o aspecto característico do sistema politécnico é o conhecimento dos *princípios básicos de todos* os processos de produção, trabalho fundamentado em uma *série de indústrias*, postos de trabalho, que torna possível obter uma gama de habilidades práticas. (SHULGIN, 2013, p. 214, grifos no original).

O próprio Shulgin (2013) nos alerta porém, que, se o politecnismo pressupõe o domínio da técnica, não pode ser reduzido a isto, pois ele se liga necessariamente, à elevação da cultura geral. Trata-se de aprender a reconstruir o ambiente de trabalho, transformando-o de sua forma dividida, alienada e explorada, para o trabalho social, autogerido, tendo em vista o pleno desenvolvimento humano. Nesse sentido, a escola só pode ser considerada como sendo politécnica se atuar de forma combinada (PISTRAK, 2015, p. 22) sobre as três dimensões do que Marx (2020) definira como educação: o desenvolvimento intelectual, físico e politécnico, portanto omnilateral.

Entre os pioneiros há embates sobre como desenvolver o politecnismo. Shulgin é um

entusiasta do desenvolvimento industrial na Rússia. A politécnica para ele, somente é possível com alto nível tecnológico (SHULGIN, 2013). Nas aldeias onde predomina o trabalho artesanal não é possível desenvolvê-la. É sobre o ritmo de industrialização e as condições para desenvolver a Escola do Trabalho onde se concentram as divergências entre Shulgin e Pistrak. Pistrak (2015) estimula escolas politécnicas onde Shulgin não vê condições. Os embates entre eles ocorrem num momento de imenso esforço pela industrialização e revelam o esforço do processo revolucionário russo arrancar o país do trabalho servil, extremamente rudimentar no campo, promover a coletivização da agricultura e a industrialização autônoma da Rússia.

Porém os autores convergem em muitos pontos. Um deles é a necessidade de que a escola se articule com seu entorno, questão essencial na compreensão da pedagogia soviética. A escola não será politécnica ou formará o homem e a mulher socialistas se o meio que a circunda não se voltar nesta direção. Por isso a escola precisa se ligar fortemente com as forças de transformação: a indústria, os novos maquinários, os operários, as cooperativas, os técnicos, as organizações coletivas de adultos e crianças. Shulgin (2013) não acredita na escola como um sistema fechado, sem articulação com a vida. Escola e meio são para ele um caminho de duas mãos e o trabalho socialmente necessário é uma das formas essenciais nesta relação.

Existiram no entanto, várias dificuldades no desenvolvimento da Escola Única do Trabalho: não adesão de grande parte do Magistério à revolução, a escassez de materiais nas escolas decorrente da miséria econômica em que vivia o país, os diversos embargos econômicos, os ataques internos e externos à revolução. Este contexto exigia um enorme esforço para industrializar a Rússia, o que acabou impondo a formação técnica como prioridade para o sistema educativo, em detrimento da concepção da Escola Única do Trabalho. Este quadro leva ao fim da experiência desenvolvida pelos pioneiros, mediante a Reforma Educacional de 1931 (FREITAS, 2009). Esse desfecho não significa, porém, que a experiência escolar produzida nos anos mais férteis da Revolução não tenha originalidade e atualidade.

Considerações finais

Pistrak e Shulgin são autores de seu tempo e suas elaborações são marcadas pelos esforços de construção do socialismo e de uma escola articulada à emancipação. Tendo o pressuposto marxista de que a educação emerge das relações, debatem o trabalho, a escola, a criança e o jovem como partícipes destas relações e, portanto, ativos em sua transformação. O trabalho como presente nesses autores é tido como fundamento do ensino. Ele está na base da ligação da escola com o meio, nos processos de auto-organização, na união teoria e prática, na compreensão dos fundamentos científicos da produção da vida em sociedade. Mas sobretudo destaca-se a perspectiva histórica: o trabalho socialmente necessário, a busca pela diminuição do esforço humano de trabalho tendo em vista a emancipação do trabalho e a formação omnilateral. Guardadas as enormes diferenças com o nosso tempo, as formulações de Pistrak e Shulgin contém enorme importância para pensar o processo educativo que se dirige à luta pela superação das pedagogias burguesas.

Referências

COMITÊ. Deliberação do Comitê Executivo Central de toda a Rússia. In: KRUPSKAYA, N. K. **A construção da Pedagogia Socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

FREITAS, L. C. A luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito. In: PISTRAC,

M. M. (org.). **A Escola-Comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. Escola Única do Trabalho. In: CALDART, R; PEREIRA, I; ALENTEJANO, P; FRIGOTTO, G. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MARX, K. **Instruções aos Delegados para o Conselho Geral Provisório**. In: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1866/08/instrucoes.htm>. Acesso em: 13/09/2020.

PISTRAK, M. M. **Ensaio sobre a escola politécnica**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

_____. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

_____. **A Escola Comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SHULGIN, V. N. **Rumo ao Politecnismo**, 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

[1] Mosey Mikhailovich Pistrak nasceu em 1888 e morreu em 1937, vítima de perseguição foi preso e executado. Concluiu a Faculdade de Físico-Matemática na Universidade de Varsóvia – Polônia em 1914 e posteriormente tornou-se Doutor em Ciências Pedagógicas. Durante cinco anos esteve como diretor da Escola Comuna P.N. Lepeshinsky – umas das escolas experimentais criadas pelo NarKomPros para contribuir na formulação de uma pedagogia articulada ao processo revolucionário. De 1918 a 1931 foi presidente da Subcomissão de Programas para o Segundo Grau, na seção científico pedagógica dirigida por Krupskaya, do NarKomPros (FREITAS, 2009).

[2] Victor Nikolaevich Shulgin nasceu em 1894 e viveu até 1965. Educador e historiador, formou-se pela Universidade de Moscou em 1917. Também atuou no NarKomPros. Entre 1922 e 1931 foi diretor do Instituto de Métodos de Trabalho Escolar e entre 1921 e 1931 trabalhou na Seção Científico-pedagógica do Conselho Científico Estatal (GUS). Em 1931 exerceu a direção do Instituto de Pedagogia Marxista-Leninista. Depois de 1931, assim como Pistrak, sofre calúnia e suas formulações são associadas ao antileninismo e à perspectiva de eliminação da escola. Momento este em que se retira do trabalho com Educação e começa a atuar no Museu da Revolução.